

GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1800, 8 mezes 18000, 4 mezes 500, Brazil 35000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 reis. Passado o dia 40 reis.

Redactores — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

Administrador — SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA

ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha, 40. Repetições, 20. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.
Redacção — Rua dos Caldeiros, n.º 250

ANGEJA, 21 DE SETEMBRO DE 1887

SUMMARIO

Carta do Porto.
A colonia Angejense do Pará em felicitação ao seu conterraneo e amigo Ricardo M. N. Souto redactor da «Gazeta d'Angeja».
Noticiario.

SCIENCIAS E LETTRAS

João Penha (soneto) — Alfredo Campos.
Olhos pretos (poesia) — J. Simões Dias.
Uma historia verdadeira — Francisco C. Vasques.
Anniversario (poesia) — Pedro Fontellas.
Rimas (á viola) — E. A.
As mulheres e as flores — João da Cunha.
N'um baile — Alberto da Rocha.
Folhetim: Pergaminhos — Alexandre da Conceição.

CARTA DO PORTO

O Porto traja da gala. E' que dentro dos muros da cidade invicta encontra a familia real.

Quando o comboio real chegou á gare de Campanhã foi saudado com girandolas de foguetes.

Suas magestades e altas foram recebidos pelo snr. cardeal D. Americo, governador civil, presidente da camara municipal, chefe do departamento maritimo do norte e coronel Vito Moreira. A banda tocou o hymno d'el-rei. O snr. presidente do senado portuense levantou vivas á familia real.

A vasta gare de Campanhã estava embandeirada com flamulas multicores.

Entrada a familia real na sala de recepção algumas senhoras entornaram-lhes flores desfolhadas e ramos de perpetuas vermelhas. Foram então apresentar os seus cumprimentos aos egregios hospedes muitos dos cavalheiros presentes, auctorida-

des civis, militares, ecclesiasticos e judiciaes.

O cortejo compunha-se de batedores a cavallo, camara municipal, tres trens da casa real conduzindo as damas, camaristas e ajudantes, outro com o snr. infante D. Affonso, presidente do concelho e ministro das obras publicas.

Precediam dois sargentos de cavallaria como batedores de respeito e seis batedores da casa real o coche em que tomavam logar, no fundo, sua magestade a rainha e a princesa D. Amelia e, em frente, el-rei e o principe D. Carlos.

Serviram de estribeiros os generaes Malaquias de Lemos e coronel Vito Moreira. Após ia o carro do cardeal snr. D. Americo e seu capellão, seguindo-se-lhe uma extensa cauda de carros.

O cortejo, saindo do largo de Campanhã, entrou na rua do Pinto Bessa, onde estacionava como guarda d'honra, occupando o lado esquerdo a brigada mixta, composta dos batalhões de caçadores 3 e 9 e infantaria 10 e 18 sob o commando do general snr. Cirillo Machado.

O que constituiu um espectáculo soberbo foi a entrada da longa fila de carruagens na rua de Santo Antonio, ladeada de arbustos e flamulas drapejando ao vento.

Quando a familia real chegou ao palacio já lá se encontrava o principe da Beira; sua alteza atufava o seu corpinho em marino branco com bordados azues. A ama é robusta, excellentes côres, trajando á moda do Minho, um *costume* de crepe e rendas brancas.

El-rei, trajava o uniforme de marechal do exercito.

Sua magestade a rainha trajava uma *toilette* encantadora, verdadeira obra d'arte de elegancia e bom gosto.

A duqueza de Bragança trazia um traje delicioso de *faiille bleu-ciel*.

O principe D. Carlos e seu irmão o sr. D. Affonso vestiam os uniformes das armas de que são officiaes; aquelle vestia o uniforme de tenente coronel de cavallaria com a banda das gran-cruzes de Christo e Aviz; este o de 1.º tenente de artilheria.

A' noite illuminaram os paços do concelho; ao meio da fachada as armas reaes, tendo sotopostas as iniciaes L. e M. ladeando um monograma formado pelas letras C. e A. Sobre o frontão uma estrella.

Entre as illuminações de edificios particulares, sobresahiam as do Grande Hotel do Porto, Confeitaria Rosa Araujo, etc.

De uma das janellas do Atheneu Commercial, irradiava um foco magnifico de luz electrica.

As ruas de Santo Antonio, Clerigos e Praça de D. Pedro, lado sul, offereciam um deslumbrante aspecto com as illuminações em arco, parecendo toda aquella longa arteria uma formosissima abobada de luz.

Pelas ruas innumera gente gosava as illuminações que terminam hoje.

S. S. M. M. e A. A. visitaram hontem a Exposição Industrial, installada na grande nave do Palacio.

A banda do Palacio executou á chegada de S. S. M. M. e A. A. o hymno real e durante a visita diferentes peças de musica.

A duqueza de Bragança percorrendo a grande avenida, foi sentar-se n'um banco, no ponto em que se gosa o bello golpe de vista da barra. S. A. parecia verdadeiramente encantada com o panorama que, seguindo nos consta lhe fez lembrar o do Havre.

El-rei agraciou com o habito de Christo o snr. Luiz Pinto Souto, um dos socios da firma Pinto Couto & C.ª, director tecnico das officinas do Freixo.

Na visita á Exposição Industrial, el-rei encontrou o official de marinha João Baptista Ferreira, o heroe de Matibane, recentemente vindo da Africa.

Ao vê-lo alli o snr. D. Luiz correu ao encontro do valente official e exprimiu em termos coloridos a viva satisfação que sentia em vê-lo restabelecido dos ferimentos que recebera na acção travada com os negros. S. M. a rainha mostrou-se igualmente muito affavel para com o official.

S. S. M. M. e A. A. foram hontem á noite ao theatro de S. João. Quando a fa-

milia real, appareceu na tribuna foi saudada com uma grande salva de palmas.

O snr. presidente da camara levantou os vivas do estylo que foram correspondidos por toda a assistencia.

Um foco de luz electrica, partindo do alto da rua de Santo Antonio, illuminava a fachada do theatro.

A colonia Angejense do Pará em felicitação ao seu conterraneo e amigo Ricardo M. N. Souto, redactor da «Gazeta d'Angeja»

Pará 1 de setembro de 1887

Salvé mancebo!! E' de longe que em nome de um punhado de homens todos filhos da nossa terra que eu te felicito!!

Se áquelle que no campo da batalha com a espada em punho é dada a gloria porque se sacrifica pela patria, a ti que só, e sem auxilio colhes com o sacrificio do estudo uma posição honrosa n'uma sociedade illustre; a ti, que trabalhas com afincio para engrandeceres tua terra e illustrares teu nome, não é menor a gloria que te cabe.

A braços com um estudo difficil e á frente d'um jornal; cumprir dignamente as duas missões iguaes em espinhos e tão differentes em responsabilidade, só uma vontade de ferro e uma dedicação arrojada.

Saudamos-te pelo teu triumpho escolar.

Foste premiado n'uma das cadeiras da escola do segundo anno de medicina.

Queres maior satisfação?
Sim; porque és incansavel, e a tua coragem é sem limite.

A ti pois, a tua familia e a todos os que se honram em dar-te o nome de amigo, dirige a colonia Angejense do Pará a mais sincera felicitação.

O representante da colonia,
A. A. Santos.

FOLHETIM

PERGAMINHOS

Este homem deu-me a força do seu braço,
Legou-me em vida o seu honrado nome...
Vestia quem era eu:
Depois, quando me viu robusto e forte,
Disse-me, um dia: «vae, só homem, lucta.
Trabalho agora tu.»

Luctei, passei covardo sobre os livros
A mais florida quadra dos meus dias
Serenos a trabalhar;
Estudei, progredi, e illuminei-me
E um dia para entrar em novas luctas,
Pude enfim descançar.

E' que eu via as premissas da victoria,
O applauso espontaneo dos estranhos
Incitar-me a seguir,
E' que eu via diante de meus passos
Rasgar-se ampla, infinita, luminosa
A estrada de porvir.

Se alguma coisa sou a mim o devo,
Ao meu trabalho honrado, ao meu estudo,
Ao amor de meus paes,
A' força da vontade, á intelligencia,
A' sociedade pouco, ás leis bem menos...
E a ti não devo mais.

E és tu que vens fallar-me em pergaminhos?
E és tu que vens fallar-me nas riquezas
Que o destino te deu?
Eu não troco os meus louros de poeta,
As conquistas do estudo e o meu futuro
Por tudo quanto é teu.

E' louca!... Sabes lá que orgulho é este
Do homem que a si só deve o que vale
E o que espera valer?
Ha lá braços illustres que equilibrem
Estes louros viciosos d'um triumpho
Que sobremos mer'cer?

E's louca! Sabes lá como eu sou rico
Rico de muita honra e muita esperança
E muito coração?
E's louca! Mostra a escravos as riquezas,
Que eu, p'ra não adorar baserros de ouro,
Sou bastante christão.

E quem te disse a ti que eu te envejava
Esse ouro que é teu unico prestigio
E o nome a teus avós?
Orgulhosa!... pois julgas decidido
Qual seja n'esta lucta de vaidades,
O mais nobre de nós?

Pois julgas que ser nobre é mero acaso
Uma questão de berço ou de destino.
Uma questão de paes?
Não vês que se a nobresa fosse herança,
Tendo eu por paes Adão e Eva,
Seriamos iguaes?

E não somos, bem vês, porque a nobreza
Não se lega, conquista-a a intelligencia,
O talento, as acções:
Ora eu, se me permittes a vaidade,
Colloco um pouco abaixo dos meus louros
Todos os teus braços?

Devolvo-te portanto os teus insultos
E a suspeita de te adorar os risos,
Que nunca mendiguei;
Se és bella e tens orgulhos de rainha,
Mulher, entende bem, eu sou poeta,
Tenho orgulhos de rei.

Que é esta a nossa força, n'estes tempos
Em que a estupidez má enche as mãos d'ouro
Para nos insultar.
E' modestia a orçar pela baixeza
Não fazermos sentir aos maus e aos futeis
Quem devem respeitar.

Não me compares pois á horda ignara
Que te adora os sorrisos pelo ouro...
Eu tenho coração,
Tenho por pergaminhos o trabalho,
Por thesouros a minha intelligencia
E a honra por braço.

Nós os homens que andamos procurando
A' luz do coração por este mundo
Os caminhos do bem,
Como trazemos alto o pensamento
E a fronte erguida ao céu, temos orgulhos
Bem vês, como ninguém.

Alexandre da Conceição.

Noticiario

A' junta da parochia d'Angeja. — Desejamos saber quaes os motivos porque a junta de parochia d'esta terra não tem dado principio á construcção do cemiterio, como prometteu quando recusou o auxilio, para essa urgente necessidade, d'uma commissão de cavalheiros que patrioticamente se sujeitavam a coadjuvar a Junta n'esta obra.

Promettemos voltar e este assumpto se não obtivermos resposta conveniente.

Conselheiro José Luciano de Castro. — No Porto acha-se hospedado em casa de seu irmão dr. Augusto de Castro, digno procurador-regio junto da Relação, o illustre presidente do conselho e nobre chefe do partido progressista o sr. José Luciano de Castro, e sua exc.^{ma} esposa D. Emilia de Seabra e suas gentis filhas.

Tem alli ido muitos cavalheiros dos mais eminentes quer da politica portuense, quer da sciencia prestar as suas homenagens ao estadista eximio, ao batalhador incansavel, ao cidadão illustre, a esse homem soberanamente honrado e que é hoje a primeira individualidade da politica portuense.

Originaes. — Deixaram de ser publicados alguns n'este numero por falta de espaço.

Hospede illustre. — Acha-se no Porto e hospedado no hotel de Francfort o exc.^{mo} sr. Conselheiro José da Cunha Navarro de Paiva, muito digno e integerrimo magistrado adjunto ao juiz do tribunal Superior de Guerra e Marinha e que por muitos annos exerceu com muita illustração o cargo de Procurador Regio perante a Relação do Porto.

Sua ex.^a tem sido muito cumprimentado por seus amigos que conta n'aquella cidade.

A estatua de D. Affonso Henriques. — Em noticia da collocação d'esta estatua no pedestal, diz uma folha de Guimarães:

A estatua está coberta até á inauguração solemne.

Terminamos por estranhar que nem no pedestal, nem na base da estatua se lancassem algumas moedas como é de costume em taes actos, limitando-se simplesmente, segundo nos dizem, a uma insignificante inscripção gravada em cobre. Pois na commissão havia pessoas que não assistiam a estes actos pela primeira vez.

Carta do Porto. — Restamos hoje o nosso primeiro artigo para dar lugar á carta que o nosso estimado correspondente do Porto nos enviou.

O explorador Silva Porto — Boa nova. — Não falleceu, felizmente, o sertanejo Silva Porto, como constou por noticias do Bihé, onde se achava. Acha-se de perfeita saude. Ainda bem.

Supplemento. — O nosso illustrado collega «O Artilheiro», tirou hontem um supplemento fulminando alguns artigos e phrases infames e antipatrioticas que algumas folhas do republicanism do Porto tem publicado a proposito da familia real no Porto.

Morte tragica d'um missionario. — M. P. Giraud, membro da sociedade dos missionarios d'Argella, morreu victima da sua dedicacão, no lago Nyanza. Tendo feito uma pequena viagem no lago para chegar á ilha deshabitada de Dijouma, um hipopotamo, aproximando-se da barca, fez-lhe um rombo na quilha.

Em alguns instantes a pequena embarcação se encheu de agua.

N'estas afflicções o missionario desprezou todos os auxilios, morrendo heroicamente.

Gazeta d'Angeja. — Compra se o primeiro numero d'este jornal pelo triplo do preço avulso.

Os incendios e as estrellas cadentes. — Diz uma communicacão recentemente apresentada ao Instituto de Franca que deve haver uma estreita relação entre os incendios sem causas conhecidas e as estrellas cadentes. Eis como o sr. Victor Mounier escreve n'esse sentido, no «Rappel»:

«Os incendios sem causas conhecidas costumam ser extremamente frequentes nas epochas das passagens periodicas das estrellas cadentes.

Resumindo n'um mappa os pontos em que os incendios tiveram logar, obtem-se uma ellipse mais ou menos regular, representando por assim dizer o cone de dispersão, durante a queda. Estes incendios, as mais das vezes limitados aos bosques, ás choupanas, ás granjas, aos moinhos e aos caseas, tambem se assignalam nas villas e mesmo nas grandes cidades.

Tal é o resumo d'uma estatistica que monta a alguns annos e feita segundo os incendios noticiados pelos jornaes. O seu auctor, o sr. Zenger, dirige a este respeito uma nota á Academia das Sciencias, em que faz presentir que estes incendios sem causas conhecidas muito bem poderiam ser motivados pelas estrellas cadentes.

Diz mais o sr. Zenger que só por um caso excepcional se suspeita que o fogo foi lançado; mas pôde muito bem dar-se o caso que a presença accidental de qualquer pessoa nas visinhanças do local do incendio faça recahir sobre ella suspeitas que tragam como consequencia uma condemnacão injusta.

Como exemplo e em apoio da sua communicacão, apresentou o sr. Zenger um quadro minucioso do periodo comprehendido entre os dias 1 e 18 de agosto de 1888, periodo rico em temporaes violentos, em quedas de meteorolithos volumosos e em incendios.

Um novo canhão. — Fizeram-se ha pouco em Nova-York experiencias com o novo canhão pneumático Salinski. O tiro primeiro deu excellente resultado porque attingiu o alvo mais pequeno.

O segundo tiro levantou o navio onde estava collocada a terrivel e nova machina de guerra e partiu-o ao meio. A carga do projectil consistia em 45 kilogrammas de gelatina explosiva, equivalente a 100 kilos de algodão-polvora.

O novo canhão tem um alcance de 2.000 a 4.300 metros e o projectil uma velocidade de 240 metros por segundo.

As descargas fazem-se por meio do ar comprimido encerrado em tubos da maxima resistencia.

O monumento de Gambetta.

— Começaram a ser gravadas as inscripções que devem figurar no monumento do grande tribuno, erecto na praça do Crousseau, em Paris. Ha inscripções muito longas.

Na fachada principal, lê-se:

NOVEMBRO, 1870

«— Francezes, erguei as vossas almas e as vossas resoluções á altura dos perigos que ameaçam a patria.

«— De vós depende o mostrar ao universo o que é um grande povo que não quer morrer.»

N'uma placa de marmore negro, está esta dedicatória:

A GAMBETTA
A PATRIA
E A REPUBLICA

Ensino domestico. — Na Belgica publicou-se o decreto organisando o ensino domestico das meninas. N'esse curso, entre outras cousas, aprendem:

Varrer as casas;
Limpar o pó;
Escolher os legumes;
Descascar batatas;
Pôr a meza;
Lavar a louça, etc., etc.

Duello a fusas e semi-fusas. — No tribunal de Antuerpia correu ha pouco um processo curioso.

Um individuo d'aquella cidade a quem incommodavam sobremaneira os exercicios de piano tocados por um visinho, resolveu vingar-se.

Collocou, encostados á parede de meação das duas casas dois instrumentos de manivella, os maiores que pôde arranjar e que mais barulho fizessem.

Em seguida contratou um homem robusto que passava horas inteiras a fazer funcionar ambos os instrumentos.

O pianista, cansado com aquelle genero de supplicio, apresentou a sua queixa ao tribunal sollicitando que este prohibisse o seu visinho de continuar com aquella musica infernal, e exigindo uma reparação pelos prejuizos que soffrera por o não deixar estudar.

O demandado, por sua vez, demandou o demandante, e pediu tambem uma reparação assim como a prohibição de que aquelle tocasse piano fora das horas em que não pudesse incomodal-o.

O tribunal rejeitou ambos os processos aconselhando os demandantes a que resolvessem amigavelmente, visto que o código penal não indica as horas a que pôde tocar-se este ou aquelle instrumento.

Processo curioso. — Os habitantes de Prest, na Hungria, vão assistir a um processo curioso. Duas cantoras d'um café concerto intentaram processo contra um jornal em consequencia de uma critica.

Tendo tomado parte n'um concurso de raparigas formosas foram excluidas. O rei Millão da Servia, na sua ultima passagem por Prest, foi fazer-lhes uma visita para ter occasião de vêr a sua apregoadora belleza. Um jornal de Prest, disse então umas frases na sua chronica e respeito d'esse incidente, mas não se alargou em considerações.

Passadas tres semanas as duas raparigas obrigaram o redactor do jornal a dar explicações. O jornalista riu-se da sua pretensão. Ellas decidiram-se a intentar uma demanda contra o jornal.

O rei Millão é intimado a depôr para atestar que a visita que fez ás cantoras fôra uma pura visita de delicadeza.

Uma rebellão rigorosa na China, oitenta e oito execuções. — Na prefeitura de Chaog Chon, provincia de Kiang he foram decapitados no mesmo dia 71 individuos que pertenciam a uma s'ita religiosa que conta uns tres mil adeptos.

D'alguns papeis que foram achados em poder d'um d'elles resultou vir a saber-se que tencionavam tomar de assalto a pequena cidade de Chan Chen, em julho passado.

Depois da execucao d'este bando foram presos e em seguida decapitados mais 17 individuos d'esta mesma seita.

O homem-antilope. — E' curiosa mas talvez um pouco exagerada, a seguinte noticia de uma folha hespanhola:

«Acha-se em Sevilha o famoso andarilho, conhecido pelo nome de o «Homem Antilope», que, segundo contam, fez o trajecto de Paris a Roma (4675 kilometros) em tres dias, sendo seguido de cinco cavallos arabes, sobre os quaes alcançou um adiantamento de quatro horas.

O celebre andarilho propõe-se a desafiar todos os velocipedistas para uma grande corrida.

O «homem antilope» tenciona dar algumas sessões de «sport» na praça de touros sevilhana.

As miserias de Londres — Duas creanças embriagadas. —

Ha poucos dias foram encontradas nas ruas de Londres, duas creanças embriagadas, uma de 12 annos e outra de 13. Tinham sido embriagadas por uns garotos que as conduziram a uma taberna obrigando-as a beber. A policia admoestou-as severamente.

Um caso de loucura n'um theatro. — No Theatre-Français, em Paris, deu-se n'uma d'estas noutes a seguinte scená:

Um individuo, sahio bruscamente do seu logar e gritou: «Bravo; é delirante!».

Para accentuar mais a sua admiracão deu um murro na cartola d'um visinho.

A auctoridade mandou sahir o perturbador, que começou a dirigir ameaças contra o magistrado e guardas.

Foi examinado por medicos alienistas que o mandaram para um hospital de doudos.

O sonho d'um yankee — Viar em projectil. — O coronel John H. Pierce, residente na povoação de Plantville, Connecticut, inventou, segundo se diz, um processo para annullar a distancia entre a Europa e America por meio d'um tubo pneumático.

O inventor, que não olha a obstaculos e quer pôr quanto antes o projecto em pratica, apresentou-se ha dias na redacção do «Tribuno», de Nova York, pedindo para ser interrogado.

Entregue a um dos reporters mais fleumaticos para a celebração da conferencia, esta deu o seguinte resultado por parte do coronel:

Em todo o projecto os homens de sciencia só encontraram uma difficuldade material; a collocação do tubo pneumático entre a Europa e a America. Não se trata de um cabo telegraphico, mas de um verdadeiro tunnel que ha de estender-se e sujeitar-se como um cabo gigantesco entre os dois continentes, com a differença de que qualquer ruptura ou desvio pôde occasionar uma catastrophe immensa, a perda de muitas vidas e de um capital enorme para a empresa.

O inventor propõe-se construir o tubo interior de aço, rodado por outro de ferro, coberto de uma espessa e solida camada de arames grossos, enchendo-se os intersticios com alguma substancia impermeavel de toda a confiança. Entende que o tubo deve construir-se á medida que se fôr entendendo, operação difficil e lenta para que não poderia servir nem o *Great Eastern* e para a qual seria necessario construir um navio ainda maior que aquelle colosso dos mares.

O vehiculo em que devem ir os passageiros, terá a forma dos projectis empregados nos canhões de dynamite e será munido na sua superficie de grande numero de rodas pequenas e dispostas de modo que reduzam a fricção ao menor grau possivel. No interior do projectil haverá commodos e molles assentos.

— Poderemos alcançar uma velocidade de mil milhas por hora — disse o coronel — que vem a ser a mesma do movimento de rotaçao da terra.

— Cré o coronel — perguntou o reporter — que offerece perigo para os viajantes o novo meio de locomoção?

— Tomar-se-hão precauções. O verdadeiro perigo está em que o projectil se escape pela tangente ao chegar á extremidade do tubo e vá parar sabe Deus onde. Para esse effeito proponho-me amortecer a sua velocidade fazendo-o subir um plano inclinado em que o projectil irá gradualmente perdendo a sua força impulsiva.

— Mas um entorpecimento ou uma avaria qualquer não seria o bastante para occasionar uma catastrophe?

— Isso queira perguntal-o ao *syndicato*. O que eu sei é que as primeiras experiencias se farão com cães e outros animaes e, terminadas essas provas, o primeiro homem que cruzará o mar no projectil, dentro do tubo pneumático e com uma velocidade de 900 a 1.000 milhas por hora, serei eu, o coronel John H. Pierci.

Não obstante cré-se em Nova York que o assumpto não passará de *syndicato* e que o coronel se verá breve na necessidade de renunciar ao seu phantastico e colossal projecto.

SCIENCIAS E LETTRAS

JOÃO PENHA

Não sei porquê, mas lembra os paladinos
E os heróes d'esses tempos fabulosos,
Nos seus poemas gentis, esplendorosos,
Nos artisticos versos, nos seus hymnos.

É Bocage em sonetos peregrinos,
Bernardes nos dizeres primorosos,
E tem, nas concepções, rasgos pasmosos.
Uns ideaes só seus, sempre divinos,

E quando pede á Musa da chalaça
A inspiração da viva gargalhada,
Em vez do vão lyrismo, já sem graça,

Não é porque não tenha alma enflorada!
Que tanto adora a Venus, como a taça
Da cerveja de Bass e cõr doirada!

Alfredo Campos.

OLHOS FECHADOS

Teus olhos são mais escuros
Do que a noite mais fechada,
E apesar de tanto escuro...
Sem elles não vejo nada!

J. Simões Dias.

UMA HISTORIA VERDADEIRA

I

Amavam-se.
Todas as vezes que se encontravam na
gare da estação, á chegada dos comboyos,
trocavam uns olhares e um sorriso passa-
va-lhes no semblante, d'uma maneira
linda.

II

E' domingo.
Onze horas da manhã acabam de evo-
lar-se na amplidão etherea.
Respira-se um ar perfumado. Os dois
namorados chegam e cumprimentam-se
effusivamente.

Elle pede-lhe uma entrevista para as dez
da noite.
Ella concede-lh'a.
Os seus olhares trocaram se de novo e
o sorriso paira-lhes no semblante d'uma
maneira muito linda.

III

São nove e meia da noite.
A rainha dos astros mira-se na limpi-
dez crystallina dos lagos do jardim.
Uma porta do palacete abre-se sobre
elle, e um vulto de mulher surge brusca-
mente.

Correm um para o outro.
Os seus olhares trocam-se ainda e o sor-
riso paira-lhes no semblante d'uma ma-
neira excessivamente linda.

IV

E' passado um quarto d'hora sem que
nenhum d'elles haja proferido uma úni-
ca syllaba.

N'esse momento estão sentados sob um
caramanchão, pendente do qual se vêem
guias enormes de formosos lyrios que o
matisam.

Elle, fazendo deslizar rapidamente as
mãos pelas pernas:

— Sempre faz um calor, minha se-
nhora!

Ella, com aquella igenuidade que a ca-
racterisa:

— Faz! faz!

V

Meia hora depois.

A lua prosegue com a mesma placidez,
escondendo-se de onde a onde em alguma
nuvem que corre para o Norte. A brisa
começa agora de sentir-se mais forte, fa-
zendo agitar as franças das arvores fructi-
feras que povoam o jardim.

Elle, envergonhado por haver provoca-
do uma entrevista sem ter evidenciado o
profundo affecto que o devora:

— Minha senhora, tenho a honra de
cumprimentar a v. exc.^a

E ella, admiradissima pela maneira co-
mo havia sido recebida:

— Então a Deus, muito boas noites!

Os seus olhares trocam-se pela derrai-
deira vez e o sorriso frange-lhes o sem-
blante mas d'uma maneira feia, muito feia
excessivamente feia!

Francisco C. Vasques.

ANNIVERSARIO

No teu festivo anniversario,
Dia feliz e d'alegria,
Quizera dar-te uma canção
Da mais sublime inspiração,
Cheia de encantos e poesia.

Quizera dar-te n'este dia
mil parabens, n'um doce canto,
Fazer-te vêr quanta doçura
A tua aurora de ventura
Transmitte ao meu seutido pranto.

Queria muito e nada posso
Faltam-me os dotes naturaes
Para cantar condignamente
Os teus adejos d'innocente
E as tuas graças divinaes.

Desculpa não poder cantar-te
Como mer'cias e eu queria,
E cre que estimo intimamente
Esta ventura sorridente,
Que te rodeia n'este dia.

M. de Canavezes, 26 de setembro.

Pedro Fontellas.

RIMAS

(Á VIOLA)

Mandas, Senhora, que uns versos
a teus pés deponha breve
vou entre os astros dispersos
ver se o éstro m'os escreve,

ver se m'inspira este immenso
ardor que a minha alma accende
que se eleva como o incenso
que da terra se desprende...

Cantar teus encantos, fôra
mais que loucura, — ousadia,
que se atreve quem descora
com sombras a luz do dia.

As tuas graças, cantadas
tão sem arte, e sem carinho,
seriam rosas cortadas,
murchando longe do ninho.

Quero voar nos espaços,
entre os aereos fulgores,
onde as cadeias são laços,
onde as prisões são amores.

Quero encontrar nas alturas
a aguia que vive nos ares,
pousar nas noites escuras
sobre a rama dos palmares,

ver as nuvens transparentes
formando em caprichos vários
uns montões d'ondas luzentes,
uns enormes dromedarios...

Depois chegar ás estrellas,
colher as que mais amares,
e vir matisar com ellas
o parquet sobre que andares;

pedir ao sol um dos raios
mais fúlgido e mais brilhante,
que sem sombras, sem desmaios,
possa envolver-te constante;

trazer suaves arómas,
que ascendem entre os vapores,
perfumes das verdes cômas
de mil vergeis, de mil flores...

ir á lua, adormecida
em somno pezado e velho,
trazel a desprevenida
para servir-te de espelho;

d'um cométa a cabelleira
zombar os fios dourados
com que enlaces, — feiticera,
teus cabellos entrançados;

e, se eu perceber ainda
mais além, outros tropheus,
quero trazer-te na vinda
inteiro o reino dos céus...

Sonhei, só sonhando, agora
volvo a uns sonhos que passei:
desculpa-me pois, Senhora,
se tanto retrogradei,

E. A.

AS MULHERES E AS FLORES

(CONCLUSÃO)

E' muito certo que ha mulheres, como
succede com algumas plantas, que exigem
um demorado estudo, e se se chegam a
conhecer, é d'uma maneira incompleta; po-
rém como são em menor quantidade, po-
demos collocar-as em vasos separados.

Em todo o caso, sendo a mulher a com-
panheira do homem (biblicamente fallando)
e a sociedade impossivel sem aquella, re-
pudiemos os conselhos dos refractarios ao
santo juço, que a final de contas não po-
dem eximir-se a essa lei invariavel do
globo, sendo opposicionistas por systema.

Desde o elegante camarim até ao sim-
ples toucador da modista, as flores consti-
tuem o encanto de suas não menos encan-
tadoras proprietarias.

Que de coisas eu havia de perguntar se
as flôres podessem responder-me! Porque
scenas como as que ellas presenciavam, e
segredos como os que ellas guardam, a
nenhum mortal foi dado presenciar nem
guardar.

Oh, quem fôra flôr!
Pretender que uma mulher confesse a
formosura d'uma rival, é pedir á lua. Mais
absurdo ainda é pretender que a consinta.

Só uma flôr, como ella linda, perfumada
como ella, pôde gosar este privilegio, a
cuja galantaria, ou antes, milagre, presi-
de o egoismo. Porque não havendo nada
mais eloquente que as flôres, sabe a mu-
lher aproveitar-se d'essa linguagem mys-
teriosa para mostrar toda a sua garridade.
A mulher põe de sua parte a intenção; a
flôr, o emblema. As duas trabalham para
o mesmo fim. São dois socios que dispõem
os seus capitaes para um negocio, mas no
qual só um auferê os lucros: a mulher.
Ultimado elle, dissolve-se a sociedade. E
um delicioso beijo d'uns labios de fogo, é
o premio que a bella interprete recebe pe-
los serviços prestados. Depois, acabou-se.

Isto tratando-se da mulher simples, da
mulher de coração. Porém ao lado d'esta
vive a namoradeira, a frivola, a incons-
tante, que em tudo caprichosa, arremessa
para longe o objecto que momentos antes
desejára. E como tudo tem compensação,
a sociedade paga-lhe na mesma moeda.

Ha flôres que proporcionam o sustento
á mulher. Não pôde haver maior caridade!
Lancemos a vista pelas ruas, cafés e thea-
tros, e vejamos como pullulam graciosas
ramilhetas ou floristas, offerecendo o
seu variegado commercio.

Além de viverem no mundo real (vulgó
prosa), a mulher e as flôres existem na
poesia.

Os poetas de todos os tempos teem der-
ramado torrentes de inspiração apregoando
a fama d'umas e d'outras. Embora haja
poetas que as cantem, as mulheres e as
creanças serão sempre um thema inesgo-
tavel.

Quereis conhecer bellissimas descripções
dos campos, das flôres e dos costumes pas-
toris? Lêde os nossos poetas bucolicos e as
apaixonadas *éclogas* de Garcilaso de la Ve-
ga; as *silvas* de Rioja; os *saphicos* de Vil-
legas, e as *canções* de Francisco de Borja,
poetas que floresceram nos seculos XVI e
XVII, deixando-nos soberbos exemplares.

Desejaes admirar a mulher em toda a
sua esplendida magnificencia? Dirigi a vis-
ta para os nossos épicos e encontrareis es-
sas grandes epopeias, que formam uma
epoca na historia das gerações com as fi-
guras sublimes de Maria, mãe do Salvador;
Magdalena; Thereza de Jesus; a Lamaritana;
Judith; Esther; Joanna d'Arc e Agostinha
de Aragão. A poesia bucolica e a épica
formam um estreito laço, sem o qual a
poesia não podia existir.

Do mesmo modo que as mulheres, as
flôres teem desempenhado um importante
papel na politica. A *rosa encarnada* e a
rosa branca em Inglaterra, e a *acucena*
em França, usaram-se para designar di-
versos partidos e principios. Em 1793,
epoca chamada do *terror*, um ramo de
flôres que a formosa quanto infeliz Maria
Antonietta recebia na prisão do Temple, oc-
cultava entre as folhaa um mysterioso bi-
lhete que a punha em communicação com
os seus leaes servidores. A *flôr do lis* é o
emblema da casa Bourbon, e tambem o
foi igualmente em França até ao destthro-
namento de Carlos X, no anno de 1830,
desde cuja data foi substituida pela ban-
deira tricolor.

Finalmente, havendo mulheres e flôres
para todos os gostos, claro está que quem
não se *decide* é porque não quer.

Existem mulheres de luxo como a *ca-
melia*.

Simples e *dobradas* como a *violeta*.

Pallidas como a *acucena*.

Encarnadas como a *papoula*.

Esbeltas como o *lirio*.

Pequenas como a *verbena*.

Constantes como a *sempreviva*.

Que produzem dôr de cabeça como a
adelfa.

Que arranham como a *silva*.

Que dão o *opio* como a *dormideira*.

Que dão a vida e a morte.

E, terminado, para serem iguaes em tu-
do, as mulheres e as flôres vivem com os
mesmos nomes. Pois temos *Rosas*, *Luzias*,
Margaridas, *Maravilhas* e *Hortensias*. E
uma que comprehende todas, *Flora*.

(Trad.)

João da Cunha.

N'UM BAILE

Como ella vae ridente...
O par se inclina e falla:
Ella estremece e cala
E fita-o mansamente...

Vejam como se embala
O collo intumescete,
N'um longo sonho ardente,
Que da volupia, exhala.

Parece que ha diluvios
Nos seus labios risonhos
D'algum doce desejo.

Porque ha uns effluvios,
N'aquelles meigos sonhos,
Que vão morrer n'um beijo.

Porto—87.

Alberto da Rocha.

ANNUNCIOS O CAMINHO DO BEM**PROFESSOR**

Offerece-se um com longa pratica de Francez, Introducção e Mathematica, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno.

Toma conta de lições particulares, indo aos domicilios e ~~tambem~~ lecciona em collegios.

Dirigir carta com as iniciaes A. M., a esta redacção, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

OBRAS CLASSICAS

Edição imitativa

Theatro da Maior Façanha e Gloria Portuqueza, por Diogo Ferreira Figueiroa. Edição de 1642. Preço 500 reis

Forma e verdadeiro traslado dos privilegios concedidos aos cidadãos e moradores da cidade de Braga. Edição de 1633. Preço, 400 reis.

Privilegio dos cidadãos da cidade do Porto. Edição de 1619. Preço 200 reis.

Rua dos Fogueteiros, 24

PORTO

POR
HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que pôde sem receio entrar no sanctuario da familia. E' ornado de primorosas gravuras de pagina, que serão distribuidas gratuitamente a todos os snrs. assignantes.

Condições da assignatura para as provincias:

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 réis cada fasciculo franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empresa não tiver correspondente, as pessoas que desejarem assignar deverão remetter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600 réis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio. Quem angariar 10 assignaturas receberá um exemplar gratis.

A empresa precisa de correspondentes em todas as principaes terras do reino, onde ainda os não tenha; garantindo aos mesmos uma commissão vantajosissima. Recebe propostas n'este sentido.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empresa Litteraria e Typographica, editora, 211, rua do Almada, 217—Porto.

DEPOSITO DE VINHOS DO PORTO

CASA DE VILLAR D'ALLEN

237, Rua de Sá da Bandeira, 239

VINHOS DE DIFFERENTES IDADES
300, 400, 500, 600 e 700 réis a garrafa

VINHOS DE COLHEITAS ESPECIAES

800, 900, 15000, 15200, 15500, 15800, 25000 e 35800 a garrafa

MALVAZIA, MOSCATEL, BASTARDO E MOURISCO

Douro Clarete, 160 réis a garrafa

OS PREÇOS SUPRA INCLUEM A GARRAFA

VINHOS DA UNIÃO VINICOLA PORTUGUEZA

Douro, sobremeza.....	(garrafa) réis	220
Douro, sobremeza, secco.....	» »	200
Douro, meza, claro.....	» »	160
Douro, meza, secco.....	» »	140
Douro, natural.....	» »	100
Vinho alimentar.....	» »	80
Minho clarete.....	» »	80

PREÇO SEM GARRAFA

237—Rua de Sá da Bandeira—239

AGENCIA COMMERCIAL NO PORTO

PROPRIETARIOS

MAYA & C.^A

GERENTE

José Antonio Pereira Maya

81, Rua de Bellomonte, 83

PORTO

Encarrega-se da collocação de capitaes. Compra e venda de predios, e de papeis de credito; empréstimos sobre hypothecas.

Encarrega-se da cobrança de dividas, tanto n'esta cidade como fóra do Porto. Liquidam-se heranças, trata-se de inventarios, justificações, habilitações, execuções, embargos, arrestos, recursos de recrutamento, appellações, aggravos, e recursos de revista, e de todas as acções commerciaes, civeis ou criminaes; e solicitam-se todos os negocios forenses e de justiça, e dependencias de todos os tribunaes, repartições e secretarias do Porto e Lisboa.

PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL

DE

FERREIRA & IRMÃO

77, RUA DA BAINHARIA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

DROGAS MEDICINAES, PRODUCTOS CHIMICOS, PHARMACEUTICOS E PHOTOGRAPHICOS

Collecção completa dos granulos dosimetricos de Burggraefe, sedlitz Chanteand e outros productos comprados na casa do auctor. Fabrico de chocolates restaurantes e medicinaes. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas até agora conhecidas na therapeutica. Vaccina ingleza, tinturas para o cabello, copos de quassia. Extracto de carna de Liebig. Ferros e instrumentos cirurgicos, avulso e em em estojos para preço desde 35000 a 305000, podendo modicar-se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço, caixas d'autopsia, amputações, uretrotomias molestias d'olhos, e para extrahir os dentes. Forceps, especuluns variados, aparelhos d'Esmarch, machinas e escovas electricas, larygoscopios, seringas para injeções subcutaneas, thermometros clinicos, stetoscopios etc., etc. e estojos vasios. Apparelhos cirurgicos em geral como: algalias, velinhas de prata, estanho, gomma elastica, forma variada. Fundas direitas, esquerdas, de todos os systemas até hoje conhecidos, simples e duplas, para homem, mulher e creanças: ditas sem mola especiaes para creanças 2 mezes a 6 annos. Cintos elasticos para comprimir o ventre, ditos e fundes para rupturas no umbigo de creanças e adultos. Almofadas d'ar para doentes, tubos alimentadores para os ómosmos. Meias elasticas de linho, algodão e seda, com pé e sem pé até ao joelho, cra e verilha, e em peças isoladas. Suspensorios para os escrotos, escudos e espheras para fonticulos; urinoes de diversas formas; bonets para gêlo, passarios de forma variada e ventosas aspiradoras, etc., etc. Seringas de todos os systemas conhecidos, e borracha para injeções e clysteres, da capacidade desde 12 a 1:000 grammas. Seringas e borrachas com canulas para lavatorios vaginaes. Puerisadores para pó e liquidos. Fios de linho; esponjas; ligaduras de tecido elastico; pinceis rectos e curvos articulados com esponja para a garganta. Mamadeiras e bombas para extrahir leite, ditas para collocar nos peitos, tetas e syphões de fórmulas muito variadas. Tubos elasticos de diametro desde 4 millimetro a 12 centimetros; dito furado para esgoto de tumores, etc. Thermometros para o tempo e para banhos areometros, alcómetros, densimetros pesa-mostos, barometros, microscopios, e lentes, almofarizes e capsulas de porcella, alampadas a alcool, retortas, balões tubos de vidro, frascos tubolados, provetas, copos graduados e aparelhos para limonadas gazozas.

Vendas por junto e a retalho

CONTRA A DEBILIDADE

Farinha peitoral ferruginosa da Pharmacia Franco em Belem

Precioso alimento reparador, excellente tonico reconstituinte; esta farinha, a unica privilegiada e legalmente auctorizada, é muito agradável e utilissima para falta de appetite, doenças de peito, para convalescentes, pessoas idosas, creanças, anemias, em geral para os debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Unico legalmente auctorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consul geral do Imperio do Brazil. É muito util na convalescência de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha se á venda na Pharmacia Franco, em Belem e nas principaes pharmacias.

CONTRA A TOSSE

XAROPE PEITORAL — JAMES

Unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Vende-se na Pharmacia Franco em Belem e nas principaes pharmacias.

EXAMES EM OUTUBRO

Com longa pratica de ensino das disciplinas de **FRANCEZ, INTRODUÇÃO e MATHEMATICA, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno**, habilita, para os exames que têm de haver em outubro, alumnos em qualquer das disciplinas acima mencionadas, por preço extremamente modico.

Toma conta de lições particulares, indo aos domicilios; **tambem lecciona em collegios.**

Dirigir carta com as iniciaes **A. N.**, a esta redacção, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

Porto—Typographia da Empresa Litteraria e Typographica, rua do Almada, 348.